



XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-2 – ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO

A EPISTEMOLOGIA DA PSICANÁLISE E OS DESCRITORES EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

THE EPISTEMOLOGY OF PSYCHOANALYSIS AND THE DESCRIPTORS IN HEALTH SCIENCES

Ediléia da Conceição Félix - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Míriam Gontijo Moraes - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Esta pesquisa visa contribuir no sentido de que a psicanálise seja identificada como um campo autônomo, a ser representado nos instrumentos de organização do conhecimento. Para isto objetivou investigar a natureza epistêmica dos domínios da Psicologia e da Psicanálise com base em pesquisa documental e foca no Vocabulário Controlado Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), para a análise de sua estrutura hierárquica referente à classificação das áreas Psicanálise e Psicologia. Conclui-se que, uma das principais diferenças dessas áreas é a natureza epistemológica, uma vez que a psicanálise se distingue do pensamento psicológico geral, tanto em relação aos objetivos como no tocante aos métodos e ao objeto de estudo. Ao contrário do que ocorre neste instrumento, evidenciou-se por meio da pesquisa documental que a Psicanálise ocupa espaço como uma área do saber autônoma e independente e tem um rico campo semântico próprio.

Palavras-Chave: Epistemologia; Representação Temática da Informação; Psicanálise; Organização do Conhecimento; Instrumentos de Representação.

Abstract: This research aims to contribute in the sense that psychoanalysis is identified as an autonomous field, to be represented in the instruments of knowledge organization. For this purpose it aimed to investigate the epistemic nature of the domains of Psychology and Psychoanalysis based on documentary research and focuses on the Controlled Vocabulary Descriptors in Health Sciences (DeCS), for the analysis of their hierarchical structure regarding the classification of the areas Psychoanalysis and Psychology. It is concluded that one of the main differences in these areas is the epistemological nature, since psychoanalysis is distinguished from general psychological thinking, both in relation to the objectives as well as the methods and the object of study. Contrary to what happens in this instrument, it was evident from the documentary research that psychoanalysis occupies space as an autonomous and independent area of knowledge and has a rich semantic field of its own.

Keywords: Epistemology; Thematic Representation of Information; Psychoanalysis, knowledge Organization, Tools of representation.

1 INTRODUÇÃO

O Tratamento da Informação subdivide-se em Representação Descritiva e Representação Temática. Ortega e Lara (2010) ressaltam que, os termos Representação Descritiva e Representação Temática indicam etapas distintas e complementares necessárias à construção de registros de informação que formam as bases de dados bibliográficos. A Representação Descritiva “refere-se ao aspecto formal dos documentos”, já a Representação Temática “refere-se à atribuição de assuntos aos documentos a partir de processos como a classificação bibliográfica, a indexação e a elaboração de resumos” (ORTEGA, LARA, 2010, p.3).

Conforme Mainmone, Silveira, Tálamo (2011), embora a Representação Descritiva e a Representação Temática sejam complementares, cada uma atua numa esfera, com objetivos específicos, no que tange ao documento, seu suporte material e seu conteúdo. O suporte material, cujo tratamento privilegia as características específicas do documento e permite a individualização definido-o e padronizando os pontos de acesso possibilitando a busca bem como sua reunião com os demais documentos, é o objeto da Representação Descritiva. Já o conteúdo, ou seja sua representação com vistas à recuperação utilizando-se instrumentos de controle vocabular visando à mediação entre documentos, é objeto da Representação Temática, que, por sua vez, ocupa-se também da indexação e resumos.

Nesse sentido, partindo do pressuposto de que a determinação da terminologia documentária de uma área do conhecimento, com vistas à recuperação da informação, depende diretamente do estudo do seu corpo teórico para compreender as suas teorias, leis e conceitos, propõe-se uma reflexão acerca das diferenças de natureza epistêmica da psicanálise e da psicologia com o intuito de compreender se a aproximação de ambas interfere na insuficiência de conceitos psicanalíticos para sua representação temática nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS).

Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa¹, de cunho exploratório-descritivo bibliográfica. O universo desta pesquisa ancorou-se no Vocabulário Controlado Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), para a análise do universo conceitual presente nas categorias de Psicanálise e Psicologia, classificadas pelo *Medical Subject Health (MeSH)* como: F04.096.544.779 (Psicanálise) e F04.096.628 (Psicologia). Para uma primeira aproximação com

¹ Este estudo está sendo desenvolvido na Dissertação de Mestrado sobre a Representação da Psicanálise no Descritores em Ciências da Saúde – DeCS.

o tema, baseou-se na literatura especializada em psicanálise e psicologia, a saber: livros, artigos de periódicos e dicionários enciclopédicos obtidos em bibliotecas e nos portais de divulgação da informação científica, tais como: SCIELO, ABRAPCI, PEPSIC. Na seção 2 são tratados os limites epistêmicos da psicanálise e da psicologia enquanto áreas do saber específicas. A seção 3 descreve o DeCS como instrumento de indexação para apoio à recuperação da informação na área de saúde. Na seção 4, é apresentada a análise e discussão dos resultados. Nas considerações finais, os apontamentos relacionados à pesquisa.

2 PSICANÁLISE E PSICOLOGIA: DIFERENÇAS EPISTÊMICAS

Ao abordar a Psicanálise como assunto, no contexto da Organização do Conhecimento, é preciso investigar suas características e limites para uma representação confiável. Muito próxima da Psicologia, um outro campo de amplo desenvolvimento no contexto da produção do conhecimento, observa-se na literatura da área que ambas atendem ao mesmo propósito: estão relacionadas à área de saúde mental. No entanto, historicamente, até final dos anos 30, a Psicanálise americana era quase que exclusivamente exercida por médicos (CHEMOUNI, 1990) que entendiam a psicoterapia como uma aplicação para testes ou utilizar, pedagogicamente, técnicas psicológicas para corrigir problemas escolares e de adaptações. Nesta época, além dos psicanalistas não atuarem como tais, não havia um método estruturado, nem era a psicanálise uma referência. Imperava o experimentalismo, cujo treinamento era feito por psicólogos que possuíam uma formação anterior, por exemplo, Medicina (NICARETTA, 2009).

Contudo, após a Segunda Guerra Mundial, os psicólogos clínicos até então, que eram assistentes da psiquiatria, limitados basicamente a aplicar testes psicológicos, passaram a atuar como profissionais diretamente treinados para diagnosticar e tratar todos os distúrbios mentais e comportamentais (GOODWIN, 2005). Além disso, houve uma espécie de fusão entre a psicologia clínica e a psicoterapia psicanalítica, motivada por uma série de fatores de ordem econômica e social (NICARETTA, 2009). Esta junção da Psicologia Clínica e a Psicoterapia psicanalítica, até então, operando separadamente, formou um amplo mercado da psiquiatria e o aconselhamento religioso.

Por volta dos anos 60, a Psicologia tinha os recursos, até então focados em projetos da Psicologia científica, direcionados para a Psiquiatria e para a produção de fármacos. Isso

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

contribuiu para a criação de novas práticas pela psicologia: congressos, associações, convenções (GARFIELD, 1981). Tal contexto fez surgir uma nova psicoterapia baseada na psicologia clínica e não mais na medicina possibilitando que a Psicologia ganhasse autonomia, cujo conhecimento impactou toda a estrutura da saúde mental americana. Em relação à natureza epistemológica da Psicanálise e da Psicologia, dentre as principais diferenças destaca-se o ambiente de concepção. Uma surge fora dos ambientes acadêmicos (Psicanálise) e a outra em ambiente acadêmico (Psicologia).

A Psicanálise, como é conhecida atualmente, refere-se ao método baseado em investigação para o tratamento das neuroses, desenvolvido por Sigmund Freud², em 1896. Enquanto método de investigação, caracteriza-se pela abordagem interpretativa que busca o significado oculto daquilo que é manifesto por meio de ações e palavras ou pelas produções imaginárias, como os sonhos, os delírios, as associações livres. Embora Freud já viesse desenvolvendo o seu método durante muitos anos, foi em 1904 quando o definiu como “método de exploração do inconsciente baseado na análise das tendências afetivas reprimidas e que traz como consequência o mais exato conhecimento de personalidade psíquica.” (MIRAY LOPES, 1982, p. 29).

Garcia-Roza (2009) destaca que, epistemologicamente, a psicanálise não encontra em continuidade com nenhum saber, enquanto que, arqueologicamente, ela está ligada a todo um conjunto de saberes sobre o homem, que se formou a partir do século XIX e pode ser apresentada como o efeito de uma série de articulações entre saberes e práticas que constituíram o solo histórico que possibilitou sua emergência. Desta forma, a psicanálise não tem lugar preexistente, pois o seu surgimento veio como uma ruptura com o saber existente (a psiquiatria, a neurologia e a psicologia) do século XIX, e produziu o seu próprio lugar. Schultz (2010, p. 348) reflete que a psicanálise não era um produto das universidades nem uma ciência pura; ela surgiu dentro das tradições da medicina e da psiquiatria a partir das tentativas de tratamento de pessoas rotuladas pela sociedade como doentes mentais.

Já a Psicologia, em contrapartida, surgiu nos ambientes acadêmicos mantendo as tradições das escolas de pensamento. Embora no âmbito da Organização do Conhecimento,

² Sigmund Freud foi um médico neurologista e psiquiatra criador da psicanálise, suas teorias e seus tratamentos foram controversos na Viena do século XIX, continuam a ser muito debatidos hoje e seguem se desenvolvendo através de estudos e prática clínica na área, com psicanalistas que vieram depois dele.

para fins de classificação tenha apresentado problemas, mencionados por Birger Hjørland (1998), em seu artigo: *The Classification of Psychology: A Case Study in the Classification of a Knowledge Field*, se consolidou ao longo dos anos, cuja trajetória histórica e acadêmica, teve alguns representantes que contribuíram para o seu reconhecimento como uma ciência. Hjørland (1998) destaca que, o termo Psicologia remonta ao período de 1400-1500, no entanto, só entrou em uso há cerca de 100 anos mais tarde devido às obras de Christian von Wolff (1679-1754). Nesse sentido, Psicologia é considerado apenas um termo entre muitos que foram usados como um rótulo para descrever a área de assunto, que deve representar. A descrição sistemática dos fenômenos psicológicos foi cunhada por Aristóteles (384-322 aC), considerada a primeira pessoa a realizar tal feito, no livro "*De anima*" ("sobre a alma" 12) (HJØRLAND, 1998). Até o estabelecimento da psicologia como uma "ciência independente" na última parte do século XIX, o estudo dos fenômenos psicológicos teve como base a filosofia, além da teologia, medicina e outros campos, (HJØRLAND, 1998).

O estabelecimento formal da psicologia como ciência, no entanto, ocorreu porque acima de tudo, aplicou o método experimental, com destaque para quatro cientistas considerados responsáveis diretos pelas primeiras aplicações do método experimental ao objeto de estudo da psicologia: Hermann von Helmholtz, Ernst Weber (1795-1878), Gustav Theodor Fechner (1801-1887) e Wilhelm Wundt, sendo este último considerado o pai da Psicologia porque a instituiu como disciplina acadêmica formal, a primeira pessoa na história da psicologia a ser designada, adequada e irrestritamente, como psicólogo. Na qualidade de primeiro psicólogo, Wundt deu início à psicologia experimental como ciência (SCHULTZ, 2010).

Em relação à trajetória que remonta às origens e ao desenvolvimento da Psicologia, de uma forma mais abrangente, (...) . Assim, descreve: a conversão da Fisiologia ao método experimental e a construção de instrumentos de medição aperfeiçoados dão origem, na Alemanha, aos primeiros progressos em matéria de fisiologia das sensações, medição dos limites sensoriais por Ernst Weber (1795-1878), e de fisiologia do sistema nervoso (descoberta das células do sistema nervoso)". (DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO E PSICOLOGIA, 2008, p. 30).

2.1 Psicanálise: autonomia e independência acadêmica

A Psicanálise vem se consolidando ao longo dos anos como uma área do saber, cujo reflexo pode ser notado no surgimento de cursos *stricto e Lato Sensu*. Esta percepção é embasada por Souza (2001), ao analisar o ensino da psicanálise na universidade. Para ele, a

Psicanálise sofreu um *Boom*, nos últimos anos, nas universidades brasileiras, embora já estivesse neste ambiente, era “ inserida de modo explícito ou disfarçada nos currículos dos cursos de Graduação em Psicologia”. Porém, a psicanálise como linha de pesquisa em Programas de Pós-Graduação ou, ainda, Programas de Pós-Graduação exclusivamente dedicados à psicanálise, é um acontecimento novo, principalmente se levarmos em conta o grau de sua multiplicação nos dias de hoje” (SOUZA, 2001, p.1-2). Coaduna com Souza (2001) a concepção de Mezan (2006), ao esclarecer que, na universidade — em particular na pós-graduação — vêm sendo realizados trabalhos a que se pode chamar sem medo de “pesquisa psicanalítica”. “Eles poderiam perfeitamente ser apresentados nas Sociedades, Círculos e Associações semelhantes para conferir a seus autores este ou aquele grau: em nada diferem dos que costumam servir a este propósito, exceto talvez por um rigor maior”(MEZAN, 2006, p.4). Estas reflexões, apontadas por Souza (2001) e Mezan (2006), são ratificadas conforme um levantamento realizado em 2018³, nos sites de instituições como a Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI); o Ministério da Educação (MEC), e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Constatou-se que, a Psicanálise é representada no Brasil por sessenta e sete (67) instituições psicanalíticas, as quais oferecem cursos de formação em psicanálise; encabeça cento e cinquenta e sete (157) cursos pós-graduação *lato Sensu* em instituições públicas e privadas e é linha de pesquisa em oito (8) programas de pós- graduação *Stricto Sensu*.

3 DESCRITORES EM CIÊNCIAS DA SAÚDE E A REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DA PSICANÁLISE

O Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) é um vocabulário estruturado, desenvolvido pela Bireme, com base nos descritores em inglês, uma vez que, tal estrutura foi importada do *Medical Subject Health (MeSH)*, da *Nacional Library Medicine United States of American (NLM)*. Tem o propósito de servir como linguagem única para indexação, recuperação e navegação em todas as fontes de informação, em 37 países na América Latina e do Caribe, permitindo um diálogo uniforme entre a comunidade de língua inglesa, espanhola e portuguesa. É um instrumento com dupla funcionalidade sendo utilizado tanto para a indexação da informação quanto para a recuperação da informação na área da saúde.

³ Realizado como parte integrante da dissertação de mestrado que ainda está em andamento.

Neste instrumento, a Psicanálise está subordinada à Psiquiatria. Ela pertence à categoria F04.096.544.779, e a Psiquiatria, pertence a categoria F04.096.544. A Psiquiatria, neste instrumento, é definida como “ciência médica que estuda a origem, o diagnóstico, a prevenção e o tratamento dos transtornos mentais”, já a Psicanálise é conceituada com base na teoria freudiana, sob dois aspectos: como um procedimento “para a investigação dos processos mentais através da livre associação, interpretação dos sonhos e a interpretação das manifestações de resistência e transferência” e como uma “teoria psicológica” baseada na experiência clínica de Freud com pacientes histéricas. CAMPBELL PSYCHIATRIC DICTIONARY (1996 apud DECS, 2019).

A categoria Psicanálise é conceituada pelo DeCS com base na teoria freudiana, sob dois aspectos: como um procedimento “para a investigação dos processos mentais através da livre associação, interpretação dos sonhos e a interpretação das manifestações de resistência e transferência” e como uma “teoria psicológica” baseada na experiência clínica de Freud com pacientes histéricas CAMPBELL PSYCHIATRIC DICTIONARY (1996 apud DECS, 2019). Já a outra categoria “Teoria Psicanalítica ” é conceituada pelo DeCS como: “Sistema conceitual desenvolvido por Freud e seus seguidores, no qual se considera que as motivações inconscientes dão forma ao desenvolvimento da personalidade e ao comportamento normais e anormais.(DECS, 2019). Ambas estão subordinadas à categoria Psiquiatria.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Este estudo teve como propósito contribuir no sentido de que a psicanálise seja identificada como um campo autônomo, a ser representado nos instrumentos de organização do conhecimento. A análise sobre a natureza epistemológica tanto da Psicanálise quanto da Psicologia, pautou-se na reflexão de Cabré (2017), ao argumentar acerca da importância da terminologia na construção de uma comunicação entre especialistas. Esta, além de contribuir para a precisão na recuperação da informação é a representação de um campo do conhecimento, uma vez que cada termo corresponde a um conceito bem definido, no contexto da mesma especialidade, articulados sistematicamente em diferentes relacionamentos. O arranjo de conceitos relacionados constitui a estrutura conceitual de uma área do conhecimento e neste sentido, a estrutura conceitual é a representação de como o conhecimento de um domínio é organizado e “ é por isso que se diz que é basicamente sua

epistemologia”. Nesse sentido, notou-se que, embora a psicanálise e a psicologia tenham naturezas epistêmicas diferentes, histórica e academicamente, ambas sempre estiveram muito próximas, visto que, durante muitos anos, a psicanálise esteve vinculada aos cursos de psicologia. Em relação ao objetivo proposto “compreender se a aproximação de ambas interfere na insuficiência de conceitos psicanalíticos nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), a pesquisa, que está em andamento, não apontou tal interferência. No entanto, observou-se que, embora ambas sejam áreas do conhecimento com campos semânticos ricos e desenvolvidos, apenas a Psicologia é representada no DeCS como uma área do conhecimento autônoma e independente, subordinando-se apenas a uma categoria mais abrangente “PSIQUIATRIA E PSICOLOGIA”. Em contrapartida, a Psicanálise é classificada neste instrumento, como uma área do saber específica, subordinada à Psiquiatria, reforçando que ambas não são mutuamente excludentes, portanto, ignorando a autonomia epistêmica da Psicanálise.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se que, a aproximação das áreas não interfere na insuficiência de conceitos psicanalíticos no DeCS pois, a Psicologia tem seu campo semântico muito bem representado neste instrumento e reconhecido como um campo do saber. Entretanto, foi possível fundamentar que a psicanálise, ao contrário do que ocorre no DeCS, como uma área do saber autônoma e independente tem seus limites epistêmicos bem definidos com um campo semântico rico e próprio, conforme os conceitos envolvidos nas suas teorias e metodologias. Nesta perspectiva, sua classificação neste importante instrumento deveria refletir sua autonomia enquanto área do conhecimento.

REFERÊNCIAS

CABRÉ, Maria Teresa. Contexto y evolución de la terminología. In: **Teoría y praxis en terminología**. Org. Sara Álvarez Catalá e Mario Barité, Uruguai: Universidad de La República, 2017.

CHEMOUNI, Jacquy. **História do Movimento Psicanalítico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DE PSICOLOGIA. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GARFIELD, Sol. **Psychotherapy**: American Psychologist, p. 174 – 183, 1981.

GOODWIN, James. **História da Psicologia Moderna**. São Paulo: Cultrix, 2005.

HJØRLAND, Birger. The Classification of Psychology. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 24, n.4, p. 162-201., 1998.

MAINMONE, Giovana Deliberali.; SILVEIRA, Christofolletti Naira ; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves. Reflexões acerca das relações entre representação temática e descritiva. **Informação e Sociedade: Estudos**, v. 21, n. 1, 2011.

MEZAN, Renato. Pesquisa em psicanálise. **Jornal da Psicanálise**. [online]. 2006, vol.39, n.70, São Paulo, p. 227-241. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100015&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 set. 2018.

MYRA Y LOPES, Emílio. **Fundamentos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Científica, 1982.

NICARETTA, Marcelo. **O uso da expressão efetividade das psicoterapias e a construção do mercado dos tratamentos psicoterápicos**. Brasília: UNB, 2004.

ORTEGA, Cristina Dotta; LARA, Marilda Lopes Ginez de. A noção de estrutura e os registros de informação dos sistemas documentários. **Transinformação** [online]. 2010, v.22, n.1, p.07-17.

SCHULTZ, Duane. **História da psicologia moderna**. São Paulo: Cengage Learning, 2009. 490p.

SOUZA, Octávio. Psicanálise e universidade: **Psicologia - USP**, 2001, v.12, n.2, São Paulo. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200015. Acesso em: 15 ago. 2018.